

Nome: Geni Daniela Núñez Longhini
Idade: 33 anos
Profissão: psicóloga e escritora
Cidade onde nasceu: São José dos Campos/SP

@Genipapos de psicologia

Por Guilherme Dours

Autora mulher mais vendida da Flip 2024, a psicóloga e escritora guarani Geni Núñez recorre aos saberes e tradições indígenas para falar sobre amor, relacionamento e sociedade em seus livros, artigos, palestras e nas redes sociais

Foto: Karline Xavier





Projeto Sempre um Papo em BH 2024 | Foto: Yury Oliveira

Geni Núñez entrou em 2025 com uma recomendação de sua fonoaudióloga: não falar por mais de 50 minutos por vez para poupar suas cordas vocais. Ela não ganha a vida cantando e se descreve como uma pessoa reservada e introspectiva, mas sua voz correu o país no ano passado. Em 2024, a psicóloga, escritora e ativista indígena viajou para mais de 40 cidades brasileiras, convidada para debates, palestras e feiras literárias. A maratona de conversas exigiu demais de suas cordas vocais, e ela começou a sentir a voz falhar e a garganta doer. Aos 33 anos, Geni gosta de se encontrar com leitores e amigos nos compromissos de trabalho, mas admite que prefere a solidão da escrita. É nesse momento que ela se sente mais à vontade para expressar suas ideias, que, nos últimos anos, renderam três livros e atraíram uma legião de admiradores.

Em sua conta no Instagram, chamada Genipapos (trocadilho que brinca com seu nome, seus bate-papos e o jenipapo, fruta utilizada pelos indígenas para pintura corporal que, em guarani, significa "fruta que serve para pintar"), ela conversa com mais de 350 mil fãs sobre psicologia, sociedade, relacionamentos, afeto e ativismo indígena. Os números expressivos nas redes não deslumbram Geni. "Não é porque você tem um monte de seguidores que você é alguém excepcional. Todas as pessoas podem ter algo importante a dizer", diz. Fora das redes, divide seu tempo entre as dezenas de convites para falar em eventos em universidades, bienais, Sescs ou na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) e os compromissos com seu pós-doutorado no Instituto de Estudos Avançados da USP, cuja pesquisa ela concluiu agora em 2025: "Eu amo falar com as pessoas. Escrever meus livros e encontrar o público é uma forma de ativismo e de não deixar minhas pesquisas empoeiradas".

Saberes indígenas

Geni Núñez nasceu em 1991, em São José dos Campos, interior de São Paulo. Ainda bebê, foi morar em Campo Grande (MS), região mais próxima da família de sua mãe, do povo guarani do território do Paraguai, na fronteira com Mato Grosso do Sul. Ao lado dos pais, Valdemir e Vicenta, e das duas irmãs, Geni teve uma infância feliz, mas marcada pela pobreza. "Meu primeiro trabalho foi aos 5 anos. Ia com minha família para as ruas vender queijo, roupa, pastel, pão de prato, artesanato." Sua família era evangélica, e, desde cedo, foi incentivada a ler a Bíblia e se tornar uma espécie de missionária, dando aula de estudos bíblicos na igreja. "Só mais tarde, afastada da igreja, fui percebendo como nós indígenas passamos, desde 1500, por esse processo imposto de evangelização", conta. Sua mãe, por exemplo, era repreendida por pastores quando falava guarani, língua que eles diziam ser "do demônio".

Apesar de presenciar essa perseguição religiosa à sua cultura indígena, cresceu cercada por tradições guaranis. "Minha mãe sofria com essa intimidação de seus saberes tradicionais indígenas, mas nunca se deixou vencer. Cresci com nossa cultura em casa." Lideranças espirituais guaranis, amigos de Vicenta, estavam sempre por lá. Geni conheceu cantos, artes e cuidados tradicionais de saúde, com plantas medicinais e rezas, ainda na infância. Também guarda na memória afetiva as

comidas deliciosas desse tempo, como o mbojape (bolinho de fubá). "Uma coisa muito especial da cultura guarani é o respeito e cuidado com as crianças. A criança guarani cresce recebendo comidinhas, porque minha mãe conta que é comum que os adultos se preocupem em fazer comidinhas pequenas, mostrar às crianças que há outros seres pequenos como elas, então elas se sentem acolhidas. A gente recebe pequenos bolos, pastéis, pães. Frutinhas pequenas também, como a guavira", explica.

O encontro entre o Brasil cristão de língua portuguesa e o Brasil indígena também acontecia na escola — onde, ressaltava Geni, faltavam professores, material adequado e até chovia dentro da sala de aula. Quando ela falava algumas palavras em guarani com os colegas de classe, ficava surpresa por seus amigos desconhecerem expressões que aprendera naturalmente em casa. "Para mim, a língua materna era aquela e todo mundo sabia. Era o jeito que eu pensava e sentia." Apesar de seus pais não serem escolarizados, eles sempre incentivaram a pequena Geni a estudar e a ler muitos livros, contrariando inclusive os ensinamentos dos pastores. "Na igreja, qualquer música ou livro que não fosse da igreja era algo 'do mundo' e proibido. O preconceito com a cultura era bem grande. Por sorte, fui desobedecendo isso desde cedo."

"Escrever meus livros e encontrar o público é uma forma de ativismo"



Acolhimento pálciocestral às anfitriãs do povo guarani e kaxómbi, na aldeia Lindo Verde, Mato Grosso do Sul | Foto: Sam Kalawa



Foto: Karlene Xavier

Da literatura à psicologia

Geni lia mais de 100 livros por ano, muitas vezes escondida, com uma lanterna debaixo da coberta, pois já passava da hora de dormir. Depois, quando cresceu, deixou de esconder a vontade de passar o dia mergulhada na literatura. Seu pai, que levava a filha à escola de bicicleta, dirigia sua caminhonete de frete até a biblioteca da escola no fim do ano letivo e voltava carregado de livros para a menina ler durante as férias. “Eu era amiga da bibliotecária, então ela me deixava pegar emprestados muito mais livros do que o limite permitido.” Ela lia de tudo: *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, Alexandre Dumas, Charles Dickens, Machado de Assis, Jorge Amado, José de Alencar e a coleção *Vago-Lume* completa.

A leitora voraz e apaixonada pelas palavras desbravava o caminho para se tornar uma grande pensadora. Na fa-

culdade, optou pelo curso de psicologia. Para ela, era um chamado e uma missão: “Vi muitos jovens indígenas indo embora pelo suicídio. A ferida da terra atinge nosso corpo. Queria trabalhar nessa área para ter ferramentas para acolher, contribuir, mudar”. Em 2010, quando já morava em Florianópolis, iniciou a graduação em psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foram anos difíceis e solitários, pois sentia a falta de outros colegas indígenas e as consequências das desigualdades sociais evidentes na sociedade brasileira. “A gente que vem de escola pública sente uma defasagem em áreas como inglês e matemática. No início da faculdade, eu ainda vendia coisas na rua. Colegas de curso passavam por mim e nem me enxergavam. Parecia que de alguma forma não processavam que era possível que uma universitária estivesse

ali vendendo coisas”, lembra.

Mas foi também nesse período que Geni decidiu que seguiria a carreira acadêmica em paralelo ao atendimento como psicóloga depois de formada. E quando percebeu que era hora de trazer as perspectivas indígenas para a academia. “Os espaços educacionais instituídos dizem que o bom aluno é aquele que repete o que o professor fala. É pouco incentivado, até combatido, o aluno que cria produções novas perspectivas. Desde cedo eu quis ser a aluna que iria ler aqueles autores que me apresentavam, mas que também iria trazer outras formas de ver o mundo.” Hoje, Geni chama isso de “pintar a psicologia de jenipapo e urucum”, lema da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos/as (Abipsi), da qual faz parte. Ou seja, criar uma psicologia que abraça as diversidades.

“Busco combater todas as formas de binarismo. Natureza ou cultura, amor ou sexo, humano ou animal: tudo isso é reducionista e empobrece nossa experiência”

Estudioso vs. objeto de estudo

Na própria UFSC, concluiu primeiro seu mestrado em 2016, com a dissertação “Mãe (nem) sempre sabe: existências e saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais”, e depois seu doutorado, em 2022, com a tese “Nhandê Ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude”. Sua presença em espaços acadêmicos tradicionais, ainda mais no Instituto de Estudos Avançados da USP, é revolucionária. “Acho uma ironia da vida eu estar em um lugar dos chamados estudos avançados, mas ainda tem gente que acha que o que é indígena é atrasado, retrógrado.” Seu doutorado, especialmente, foi uma maneira de inverter os polos entre estudioso e estu-

dado: “Nós, os povos indígenas, sempre fomos colocados na posição de objeto de pesquisa. Temos invertido isso. Em vez de estudar sobre a colonização do ponto de vista do europeu, trago as perspectivas indígenas, analisando 37 trabalhos acadêmicos de autoria guarani sobre esse tema”, explica.

Em sua trajetória acadêmica, enquanto seu nome se consolidava como referência em discussões sobre saberes indígenas na psicologia e outras configurações de relacionamento, Geni optou por inserir novos pontos de vista em contraponto a tantos autores homens, brancos e europeus. Entre suas grandes inspirações, estão Nêgo Bispo, Ailton Krenak, Frantz Fanon e Eli-

ne Potiguara, além da mãe, claro. “Não se trata apenas de adicionar outras referências não hegemônicas, mas perceber que algumas das referências atuais se positivam ao nos negarem, ao se colocarem contra nós. Então é fundamental fazer essa crítica, que é contracolônia. Um exemplo: dividir a violência entre psicológica e física. Na verdade, a própria separabilidade de tudo não é algo em que acreditamos. Na minha trajetória, busco combater todas as formas de binarismo. Natureza ou cultura, amor ou sexo, humano ou animal: tudo isso é reducionista e empobrece nossa experiência. Um mundo onde cabem vários mundos é um mundo muito mais interessante, inclusive para as pessoas brancas.”

Outras formas de amar

Na pandemia, a Geni pesquisadora e autora de textos acadêmicos ganhou nova faceta: escritora. A primeira experiência foi voltada para um público bem diferente do meio universitário. Publicado em 2020 de maneira autoral em formato e-book, o livro infantil *Jaxy Jaterê* conta uma das narrativas indígenas que deram origem ao Saci Perere. Ela pensou no livro ilustrado como um modo de levantar fundos para as comunidades indígenas afetadas pela pandemia e que não tinham acesso ao auxílio emergencial. Conseguiu vender mais de mil livros a 10 reais. Em 2023, *Jaxy Jaterê* foi republicado pela Harper Kids, selo da Harper Collins.

Três anos depois da estreia com o e-book, Geni lançou *Descolonizando Afetos: Experimentações sobre Outras Formas de Amar*, lançado pela Paidós. A obra foi seu primeiro grande sucesso de vendas, ficando entre os mais vendidos da Flip 2023. Nele, Geni traça um panorama de suas pesquisas acadêmicas, com linguagem mais acessível, propondo reflexões sobre relacionamentos afetivos por meio das perspectivas anticoloniais para repensar paradigmas de amor e sexo, como a monogamia. No ano seguinte, veio outro best-seller, *Felizes por Enquanto: Escritos sobre Outros Mundos Possíveis*, editado pela Planeta. Com dois livros ocupando posição no top 10 de vendas da Flip 2024, Geni foi a mulher mais vendida da mais recente edição da Festa Literária Internacional de Paraty. Em *Felizes por Enquanto*, Geni aprofunda suas reflexões sobre relacionamentos fazendo paralelos com a colonização europeia. Para a psicó-

ga e escritora, a perspectiva indígena mostra novas formas de ser, pensar e amar, que abraçam diferenças. "Eu falo de um sistema de monocultura no mundo capitalista e colonial. Monocultura de tudo. Da fé, da sexualidade, dos afetos, da terra. O que essas monoculturas têm em comum é a impossibilidade de lidar com a diversidade. Querem que tudo seja único. O Nêgo Bispo [filósofo, poeta, escritor, professor e ativista político quilombola, falecido em 2023], um mestre para mim, falava isso, que no mundo colonialista europeu só cabe um: uma plantação, um deus. A floresta é o oposto disso, ela é diversidade."

Para a escritora, isso reverbera, por exemplo, na imposição de relações monogâmicas — que, no caso dos preponderantes relacionamentos entre homem e mulher, acaba gerando inúmeros casos de violência contra a mulher e, em última instância, feminicídio. Essa violência que perpassa corpos e afetos, segundo Geni, dialoga diretamente com o sentimento de posse. Em suas pesquisas, a psicóloga mostra que questões como homossexualidade e "amor livre" não são coisas recentes ou "da moda", elas existem em culturas dos povos originários do território brasileiro. Quando perguntam a ela se em 1500 existia "índio gay", ela responde com uma provocação: "Não existia índio gay porque não existia índio hétero, já que essas não são categorias universais. Mas existia, sim, uma diversidade de práticas e modos múltiplos de vivenciar a sexualidade, a afetividade. Nós indígenas não achamos que somos donos do rio, da montanha, seres que também nos reconhecemos como

gente, tampouco nos acreditamos donos de outras pessoas humanas. Faço um convite para que desaprendamos esse modo monolítico de pensar e estar no mundo".

Entre pesquisas, livros e palestras, Geni atua na Comissão Guarani Yvyrupa e é membro da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. Além disso, participa de um projeto de acolhimento com o povo guarani, no Território Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul, focado nas anciãs: "Não é uma clínica psicanalítica tradicional. Eu lavo as mãos e os pés delas com ervas medicinais, faço massagem e, enquanto isso, vamos conversando. Elas vão me contando histórias da vida delas. É algo para fugir do contexto fixo do consultório. O psíquico não se separa do concreto, do literal da vida. Elas trazem no corpo marcas da violência doméstica, da pobreza, do racismo religioso, mas trazem também todo o orgulho, a alegria e a espiritualidade de nosso povo". Geni também faz sessões de escuta com jovens indígenas que, assim como ela, pertencem à comunidade LGBTQIAP+. "Esse recorte sexual tende a ser apagado quando olham para os povos indígenas, mas violência de gênero e falta de acolhimento também impactam o suicídio elevado entre jovens", conta. Geni divide coletivamente seus retornos financeiros com a comunidade, apoiando projetos como reconstrução de casas de reza, times de futebol de mulheres e viagens dos guaranis a Brasília para encontros regionais.



Participação na XII Assembleia da Kuñaqwe Aty Guasu | foto: Sam Kniowa

Autenticidade que conecta

Geni ainda não se acostumou com o ritmo acelerado de sua vida nos últimos anos. Hoje ela é referência quando se trata de psicologia, comportamento e ativismo indígenas, e o reconhecimento nas redes sociais não para de crescer. "Para mim, é uma surpresa esse alcance do meu trabalho. Sou mais reservada, não busco ser o centro das atenções. Mas tem sido tudo incrível e sou muito grata." Enquanto descansa a voz para um 2025 que promete ser igualmente agitado, a escritora prepara seus novos projetos de escrita, como a publicação de sua tese de doutorado e um novo livro infantojuvenil.

Nesses últimos anos, Geni reparou que a gagueira, característica que trouxe da infância, "sumiu". Na faculdade, ficava apavorada ao pensar que todos a julgariam nervosa e insegura. Com o tempo, aprendeu a sentir orgulho de ser gaga e celebrar suas pausas tanto quanto sua fluência. "A espiritualidade do meu povo me fortaleceu e me devolveu a palavra. Quando desisti de 'curar' essa minha condição, me reconciliei com a gagueira, já não me julgo tanto. Sei que só consigo falar com leveza se o que eu falar estiver em coerência com quem sou. Então todas as saídas dos armários na minha vida me

trouxeram essa segurança para falar: saída do armário da sexualidade, da igreja, da monogamia."

O sucesso de seus livros, falas e postagens nas redes sociais, para além da erudição, sabedoria e didatismo que transmitem, vem também de seu sorriso e energia indiscutíveis, que conectam e acolhem. "Minha mãe me diz desde criança: você tem uma alegria irrevogável. E eu concordo, a alegria tem sido minha grande companheira. Apesar das tristezas, das questões que atingem a nós indígenas, também vivemos muitas alegrias. E a psicologia não é só analisar a dor, o trauma. É também olhar para a brincadeira, a alegria, a expansão, o encontro. E eu faço questão de me lembrar disso."

Que conselho daria à jovem Geni?

"Vou inverter a pergunta, e a Geni criança vai dizer para a Geni adulta: 'Nunca pare de brincar'"